

O caminho das estrelas: uma análise do trajeto antropológico dos Beatles através das capas de seus discos¹

Victor Garcez SOARES²

Bibiana de Moraes DIAS³

Carlos André Echenique DOMINGUEZ⁴

Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

The Beatles foi uma banda de grande sucesso e que acabou por tornar-se referência no cenário da música. Compreender o trajeto antropológico pelo qual o conjunto percorreu ao longo de sua carreira é o objetivo principal deste trabalho, o qual procuramos saciar através de uma análise dos símbolos presentes nas capas de três dos álbuns dos Beatles [*Please, please me* (1963); *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* (1967); *Abbey Road* (1969)] em momentos diversos de sua carreira. Com a pesquisa, observamos que o grupo teve grande manifestação de símbolos pertencentes ao Regime Diurno da Imagem, característica que se justifica também pelo contexto mundial vivido na época.

PALAVRAS-CHAVE: Beatles; cultura pop; imaginário; regime diurno.

Introdução

Ao observar as capas dos mais variados discos musicais lançados por artistas ao longo do tempo, percebe-se que além das tendências de moda e preferências de cada época, os artistas seguem e desenvolvem uma lógica singular e significativa para si, construindo trajetos antropológicos particulares e bebendo das mais diversas influências imagéticas.

¹Trabalho apresentado na IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

²Estudante de graduação em Publicidade e Propaganda - EAD, da Universidade Católica de Pelotas - UCPel, e-mail: victorgarcezsoares@gmail.com

³Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel, pós-graduanda em Docência do Ensino Superior pela Anhangera Educacional, e-mail: bibianamdias@gmail.com

⁴Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo UFPEL, doutor em Comunicação e Informação UFRGS, mestre em Comunicação e Cultura UFRJ, e-mail: cadredominguez@gmail.com

Tendo este pensamento como guia, buscaremos analisá-lo tomando como objeto de estudo três álbuns do grupo de rock, The Beatles, de épocas distintas, a fim de traçarmos o trajeto antropológico e observarmos a bacia semântica de qual o grupo bebeu. Sabe-se que não apenas os artistas musicais são influenciados pelo seu imaginário como também acabam por, através de sua influência midiática, alimentar o imaginário da sociedade, influenciando-o também, como elucida Silva (2012, p. 12): “O imaginário é uma distorção involuntária do vivido que se cristaliza como marca individual ou grupal. [...] o imaginário emana do real, estrutura-se como ideal e retorna ao real como elemento propulsor.”.

Os símbolos assim como os mitos serão essenciais para a realização da análise proposta acima. Trabalharemos com o conceito de símbolo proposto por Durand (1993). O autor diz que os símbolos têm a capacidade de representar, de certa forma, evocando naturalmente algo ausente ou impossível de perceber. Entendendo estes como de fato simbolizadores e significantes de algo que não está claramente colocado. Já como mito entendemos as narrativas mais arraigadas das sociedades e das culturas, que com o tempo sofrem metamorfoses, recriações e renovações, exercício que Wunenburger (2007) chama de mitização.

Além disso, ao realizarmos a busca pelo trajeto antropológico⁵ traçado pelo conjunto de rock inglês, iremos nos deparar com elementos que poderão ser classificados como pertencentes ao regime diurno ou ao noturno, de acordo com a classificação feita por Durand apud Pitta (1995). Segundo a autora, baseada nos conceitos de Durand, o regime diurno é caracterizado como masculino e heróico (esquizomorfo), trazendo consigo as ideias de batalha, de distinção, identidade e contradição. Já o regime noturno, feminino, divide-se em estrutura dramática (sintética) e antifrásica (mística); esta primeira é diacrônica e liga as contradições, traz consigo a causalidade e os adjuvantes sensoriais e rítmicos; a segunda tem os princípios da analogia e da similitude, com reflexos dominantes chamados digestivos, pois são térmicos, táteis, olfativos e gustativos (PITTA, 1995).

Ora, faz-se importante neste momento, para uma melhor percepção acerca dos álbuns analisados, realizar um breve histórico acerca do grupo musical em questão, a fim de que compreendamos o contexto social e simbólico da sua criação. Os Beatles foram uma banda de rock britânica, formada em Liverpool, com os integrantes, John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr.

⁵ Segundo Durand (1997, p. 41) o trajeto antropológico “É o incessante intercâmbio que existe, a nível do imaginário, entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas emanando do meio cósmico e social”.

Passaram por diversas formações e diversos nomes até realmente se tornarem “The Beatles” um trocadilho com as palavras Beetle (besouro, em inglês) e Beat (batida, em inglês). Em 1962, o grupo conheceu o empresário que deu um empurrão na carreira do conjunto, Brian Epstein, que se encanta com os quatro rapazes de Liverpool até conseguir um contrato para os jovens na gravadora EMI. Assim, Os Beatles lançam Please Please Me, seu primeiro disco, que foi gravado em apenas um dia. O disco faz um sucesso avassalador em todo Reino Unido, criando um fenômeno chamado pela mídia de “beatlemania”. No início de 1963 Os Beatles já estavam conhecidos em todo o Reino Unido.

Em 1964, o grupo se apresentou em Nova York, onde comprovou que a Beatlemania não era uma febre só entre os jovens ingleses, mas sim entre os jovens do mundo todo. Após a morte do empresário em 1967, decidiram tomar um rumo diferente e começaram as divergências sobre quem iria os empresariar. Em 1967, foi lançado seu trabalho mais ousado até então, Sgt. Peppers Lonely Heart Club Band. Um disco temático e conceitual, extremamente revolucionário para a época. Assim, o conjunto alcançou um patamar que nenhum artista havia alcançado na época. Em 1968, as crises internas entre os quatro rapazes de Liverpool aumentaram. John Lennon cada vez mais envolvido no seu relacionamento com a artista plástica Yoko Ono, começa a rumar para uma carreira solo. A disputa de egos termina com o grupo, onde após muitas brigas resolvem, em 1969 se separar, mas antes disso, gravam um disco final, o Abbey Road, um disco clássico medos Beatles, que acaba por marcar o fim de uma geração inteira. Eles de fato acabaram em 1970, com Paul McCartney anunciando a sua saída, e então a partir daquele dia, eles deixam de ser uma simples banda de rock, para se tornarem uma lenda.⁶ De fato, no auge da fama, os pronunciamentos e atitudes dos membros dos grupos eram tidos como modelo de comportamento para grande parte da juventude. Os fãs repercutiam as falas dos Beatles e os seus valores explicitados pelas canções turbinando o movimento de contra-cultura e revolução dos costumes da década de 60. E as capas de seus Long Plays (LPs), álbuns conceituais e cheios de referências e críticas sociais estavam tocando no mundo todo.

Neste trabalho, conforme supracitado, iremos analisar três discos de diferentes fases quatro rapazes de Liverpool, são eles: Please, Please Me (1963), Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band (1967) e Abbey Road (1969). O primeiro álbum, Please, Please Me (1963) surgiu quando George Martin, produtor e presidente da EMI, percebe o valor dos Beatles, e a fim de

⁶ Informações disponíveis nos sites: https://www.suapesquisa.com/musicacultura/historia_beatles.htm, <https://blog.chadefita.com.br/the-beatles-biografia-breve-historia/> e https://www.ebiografia.com/the_beatles/. Acessos em 02 de maio de 2019.

transportar o clima dos shows do Cavern Club (local onde os Beatles tocavam em Liverpool), tentou gravar um álbum ao vivo, o que foi muito difícil, pois a acústica e os equipamentos não permitiam um som de qualidade. Resolveram então gravar, como se fosse um show ao vivo, mas dentro do estúdio.

Mesmo sabendo de tudo que esse grupo poderia ser, a gravadora investiu poucos recursos, disponibilizaram apenas um dia para a gravação do disco, o que foi feito com maestria pelo quarteto. Com 16 horas de gravação, George Martin, o produtor, já tinha material suficiente para um LP. Alguns covers foram misturados em meio a canções com a parceria de Lennon/McCartney. O disco é recheado de canções simples sobre amor.⁷

Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band (1967) é o álbum mais criativo deles. Com uma capa conceitual e um nome também conceitual, The Beatles se reinventa como se fosse uma nova banda. Depois de eles terem passado pela fase da Beatlemania, os quatro rapazes de Liverpool revelam um amadurecimento tanto sonoro e nas composições como também novas visões de vida e de mundo, em meio a uma revolução cultural que estava se iniciando. E eram os Beatles que geravam as novas influências. O grupo agora estava tratando sobre temas diferentes do que costumava abordar no início, a imagem de garotos ingênuos já não era mais interessante de ser mantida. Os Beatles queriam revolucionar mais do que já tinham revolucionado. Com influência de Pet Sounds dos Beach Boys e Freak Sounds, de Frank Zappa, Paul McCartney decide criar um álbum conceitual, onde todas as músicas seriam ligadas por uma temática, onde haveria um início, meio e um fim.

O ano de 1967 é um momento histórico no mundo. A revolução cultural se espalhava, o movimento hippie propunha mudar o mundo e estava, talvez, no seu auge. E foi assim na gravação do disco que precisava ser o retrato de uma geração, o retrato daquele momento no mundo. O conjunto exagerava nas distorções, adicionava ecos nas vozes, fitas com vozes ao contrário rodando. Era tudo muito inovador. Foi um marco da música pop.⁸ E mudou a história da música.

Apesar de ter lançado um álbum em 1970, Abbey Road (1969) foi o último disco que gravaram. Já com o fim da banda acertado, relações estremecidas, os músicos quase não se encontravam em estúdio para gravar. Mesmo assim, o disco foi um dos melhores de todos os tempos. Os problemas aparentemente foram esquecidos e só a música importava. Enquanto

⁷ Informações disponíveis em: <https://canaldosbeatles.wordpress.com/2011/03/15/48-anos-da-revolucao-do-mercado-fonografico/>. Acesso em 02 de maio de 2019.

⁸ Informações disponíveis em: <https://canaldosbeatles.wordpress.com/2011/05/04/sgt-peppers-o-apice-criativo-dos-beatles/>. Acesso em 02 de maio de 2019.

Lennon tinha preferência por um disco com uma coisa mais simples, McCartney preferia fazer uso de tudo que os estúdios podiam proporcionar, sendo assim, o disco foi dividido em duas partes: O lado A, como John queria, e o Lado B como Paul gostaria. A última canção do lado A “I Want You (She’s so heavy)” acaba abruptamente de propósito, para marcar o fim daquele clima simples.

Já o lado B começa com “Here Comes The Sun”, canção sobre esperança no futuro, escrita por George Harrison. Depois disso o disco tem uma série de canções de John e Paul, não concluídas, que envoltas num grande *medley*⁹ com arranjos de George Martin, ficam perfeitamente encaixadas, resultando na parte mais linda do disco. O disco consegue passar um clima de harmonia, maturidade sonora de uma banda de rock n’ roll, que sempre procurou inovar a cada momento. Foi considerado “o canto do cisne” e foi realmente gravado com os membros já sabendo de seu fim, mas não tinha como terminar de qualquer jeito, toda grande história precisava de um “grandfinale” e os Beatles o fizeram muito bem, deixando seu legado para sempre na história.¹⁰

Metodologia

Utilizamos com embasamento teórico deste artigo a proposta teórico-metodológica das Teorias do Imaginário. Assim entramos em acordo com Barros (2018, p. 22) que diz que “[...] por não constituir uma propriedade empírica e estável, o simbólico não pode ser apreendido pelas metodologias centradas no trabalho racional sobre os dados”, de forma que trabalharemos com o estabelecimento de uma metodologia que adequa-se aos objetivos propostos e elencados por nós no início deste texto.

Em relação a isso, Barros (2018, p. 32 e 33) complementa e nos traz uma percepção importante:

Os relatos de experiências iniciáticas nos mostram o quanto a concentração no objetivo é valiosa; essa exigência aparece através de proibições como a de não voltar, não olhar para trás, não responder... Na iniciação, também há o sacrifício, consumado através de ritos de separação, como cortar os cabelos, mudar de nome. Os sacrifícios levam ao abandono dos velhos hábitos e ensinam a formulação de pedidos específicos, como a fecundidade.

⁹ Medley ou poutporri é uma mistura de canções num curto intervalo de tempo, seguindo uma linha continua de som, sem perder a harmonia. Informações disponíveis em: <https://www.significados.com.br/medley/>. Acesso em 05 de maio de 2019.

¹⁰ Informações disponível em: <https://canaldosbeatles.wordpress.com/2011/05/31/and-in-the-end/>. Acesso em 03 de maio de 2019.

Esta relação que a autora traz da iniciação com o aparelho metodológico em si, e mais especificamente com a metodologia aplicada às teorias do imaginário, desenvolve uma discussão importante: a relevância e necessidade do foco nos objetivos do trabalho, e a indispensabilidade de manter este foco e utilizar-se de um método que de fato seja eficiente e sacie os problemas de pesquisa propostos pelo pesquisador.

Assim, realizaremos as análises tendo como meta observar e perceber os símbolos manifestados nas capas de cada um dos três discos, de maneira a observá-los em relação aos regimes da imagem de Durand. Em um primeiro momento analisaremos cada capa de disco em separado, para posteriormente fazer reflexões que englobem e relacionem todas elas.

Com esta etapa feita será possível compreender o trajeto antropológico traçado pelos Beatles ao longo de sua trajetória e assimilar a bacia semântica da qual o grupo bebeu na construção de sua carreira.

Análises

Como supracitado, realizaremos em um primeiro momento a análise de cada uma das capas dos álbuns em separado, a fim de compreender as particularidades e o detalhamento de cada uma das produções.

Assim, o primeiro álbum em análise é a estreia da banda: *Please, please me* (1963) (Foto 1).



Foto 1 - Capa do álbum *Please, please me*

O primeiro álbum lançado pelo conjunto tem a capa simples e sem muitos detalhes e entrelinhas, o que, no entanto, não significa que ele seja menos simbólico e significativo do

ponto de vista do imaginário. Ao contrário, sua linearidade também é simbólica e traz significados.

O que mais chama a atenção na capa, além dos dizeres (que serão analisados posteriormente), é a foto da banda, que ocupa toda a extensão do disco. Nela, os integrantes aparecem um ao lado do outro em uma espécie de sacada, sorrindo, vestindo trajes sociais, todos no mesmo tom.

A foto foi tirada em perspectiva de forma que os integrantes aparecem “acima” da câmera, olhando o público de cima. A sensação de subida-descida causada pela angulação da foto traz duas das mais elementares sensações produzidas e que estão interligadas, correspondendo a dois dos *schémes* mais primordiais ligados ao ser humano: à sua verticalidade (subida) e ao gesto de engolir (descida) (PITTA, 1995). Estas sensações estão muito presentes nas mais diversas culturas, a ideia de subida (dada pela visão que o público tem dos integrantes da banda) remete a uma ideia de diferença e distância, apaziguada pelo semblante calmo e receptivo dos cantores.

Por ser o primeiro dos discos lançados pelo grupo, esta ideia de diferença é compreensível até mesmo pela necessidade (ou desejo) de um posicionamento do grupo frente ao público, colocar-se, de certa forma, “acima” do grande público confere um ar de distinção à conjunto. Isto, ao ser colocado junto às expressões simpáticas dos membros torna-se não algo que traz um efeito de superioridade propriamente dito, mas que serve para posicionar a banda no cenário musical.

A escolha pela utilização de cores primárias na grafia das palavras também é relevante simbolicamente. Os tons de amarelo, vermelho e azul utilizados nas palavras são considerados primários e compõem uma paleta de cores básicas e ao mesmo tempo chamativas. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2017, p. 275) “O primeiro caráter do simbolismo das cores é a sua universalidade, não só geográfica mas também em todos os níveis do ser e do conhecimento, cosmológico, místico, etc.”. Os autores ainda afirmam que as cores se estabelecem como fundamentos do pensamento simbólico. Assim, ao utilizar cores puras (ou primárias) são apresentados também como simbolizadores de elementos complementares, vermelho - fogo, amarelo - ar e azul - céu (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2017). Essa utilização das cores mais básicas também reforça a ideia do grupo passar um tom de minimalismo, tendo o maior enfoque de fato na foto da banda e desta forma, em seus integrantes.

Já o álbum *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* (1967) (Foto 2), vai em sentido oposto em relação ao primeiro analisado. Podemos perceber uma mudança drástica na forma do grupo perpetuar sua mensagem. Simbolicamente, este álbum é mais apelativo em relação à manifestação dos símbolos em sua composição, possui grande diversidade de informações, tornando-se quase poluído visualmente. Outra diferença também relevante em relação ao primeiro é que este é uma colagem, enquanto o outro consistia em uma foto.



Foto 2 - Capa do álbum *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* (1967)

Como é possível ver na imagem o grupo apresenta traços diferentes já no aspecto visual, o que será também visto em relação às composições e arranjos das músicas deste álbum. O apelo imagético deste álbum é bastante oposto àquele primeiro, se antes, como analisado, a simplicidade predominava, aqui é a diversidade de cores e elementos que ganha destaque visualmente. Em relação à composição da imagem não é possível dizer com certeza qual a situação em que a banda se encontra, podendo ser em uma foto com fãs, um momento pós-show, ou até mesmo um velório (alternativa bastante endossada pela presença do chão com terra e flores no plano principal da imagem)¹¹.

Na capa observamos a presença de diversos personagens célebres como Karl Marx, O Gordo e o Magro, Marilyn Monroe, Bob Dylan, Elvis Presley etc. Além deles, vemos também no canto esquerdo da colagem os bonecos de cera dos Beatles vestidos com seus trajes conhecidos (terno e gravata) e com semblante triste, olhando para o chão. No centro da imagem aparecem o que seriam os integrantes do conjunto em questão: “Sargento Pimenta e

¹¹ Algumas teorias criadas pelos fãs sustentam a ideia de que o velório se trataria da morte de Paul McCartney, que teria falecido em acidente de carro e substituído por um sócio. O que, segundo aqueles que acreditam nesta teoria, explicaria a mudança de estilo da banda. Informações disponíveis em: <http://itapemafm.clicrbs.com.br/mundoitapema/2012/12/27/os-beatles-e-a-teoria-da-conspiracao/>

a banda dos corações solitários”, em tradução livre, os personagens em questão, apesar de terem os rostos dos integrantes, vestem trajes chamativos e coloridos, indo completamente de encontro ao que era comum para os Beatles até então.

Chevalier e Gheerbrant (2017, p. 275) dizem que “[...] imagens coloridas traduzem conflitos de forças que se manifestam em todos os níveis da existência, do mundo cósmico ao mundo o mais íntimo”, o que pode simbolizar um conflito da banda com o seu passado e com a trajetória que havia percorrido até então. No chão, ao centro da imagem, é possível reconhecer uma estátua de Shiva, “deus supremo do hinduísmo, conhecido também como ‘o destruidor e regenerador’ da energia vital”¹², esta simbologia também ajuda a compor a ideia de quebra e ruptura com o passado do grupo, reforçando ainda mais esta ideia.

As flores, elementos que aparecem abundantemente na composição são símbolos que trazem consigo significados muito relevantes. Elas são símbolo do princípio passivo, trazendo ideias ligadas à espiritualidade (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2017) e por este motivo são usadas em velórios e sepultamentos nas mais diversas culturas.

Desta forma, observamos que a construção desta composição se deu com muitas manifestações de símbolos que se enquadram no Regime Diurno da imagem, mais especificamente dentro da estrutura do Cetro e o Gládio, como símbolos diairéticos que tratam “da separação ‘cortante’ entre o bem e o mal, a ‘transcendência está sempre armada” (PITTA, 1995, p. 7).

A última capa de álbum a ser analisada é do *Abbey Road* (1969) (Foto 3). O disco de capa intrigante, que acabou por se tornar uma das imagens mais famosas da banda. Cheia de teorias em volta, mesmo que com menos elementos em relação ao “Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band” *Abbey Road* desempenha um papel de extrema importância para a carreira deles e que intrigou bastante o público e especialmente os fãs.

¹² <https://www.significados.com.br/shiva/>



Foto 3 - Capa do álbum *Abbey Road* (1969)

Voltando a trazer uma capa bastante simples e minimalista, o último disco lançado pela banda é composto apenas por uma foto, desta vez sem nenhum outro elemento, nem mesmo o nome do conjunto ou do álbum. No entanto, apesar de aparentemente simples e até mesmo monótona, a foto que ilustra esta capa traz diversos detalhes que podem ser percebidos e analisados particularmente.

A capa foi alvo de diversas teorias conspiratórias em torno da suposta morte de Paul McCartney, principalmente pelo fato de alguns símbolos presentes na foto que poderiam indicar ou sugerir tal acontecimento.

Ora, uma das primeiras características que pode ser observada é que cada um dos integrantes está vestindo um tipo de traje: John Lennon aparece em primeiro lugar na fila, com mãos no bolso, trajado completamente de branco, inclusive sapatos, Chevalier e Gheerbrant (2017, p. 141) sustentam que

o branco é um valor-limite, assim como as duas extremidades da linha infinita do horizonte. É uma cor de passagem, no sentido a que nos referimos ao falar dos ritos de passagem: e é justamente a cor privilegiada desses ritos, através dos quais se operam as mutações do ser, segundo o esquema clássico de toda iniciação: morte e renascimento.

Por se tratar do último disco da carreira dos Beatles, este rito de passagem seria justamente o final da banda.

Ringo Starr veste-se de preto, apenas com a camisa branca, traje que lembra bastante os usados pelo grupo em seus primórdios. Paul McCartney (que já havia sido alvo das teorias de conspiração, como supracitado) vem em terceiro lugar na fila, com terno azul marinho e de pés descalços, ele ainda está segurando o cigarro na mão direita (apesar de ser canhoto). O

último Beatle na fila é George Harrison, com roupa jeans e sapatos brancos roupa mais simples que os demais.

O fato de os Beatles estarem atravessando a rua também corrobora para a ideia comentada acima, sobre o rito de passagem, que simbolizaria o final da carreira da banda. Atravessar a rua e assim “chegar ao outro lado” trabalha justamente com esta ideia.

Com base nas análises acima, percebemos um trajeto antropológico traçado através de uma forte presença dos integrantes em todas as capas, cultuando o ego, a “cultura do eu”. A banda aparece, ao longo dos discos, em diversos trajes, desde o mais simples como o terno, a algo mais complexo, como o traje do “Sgt. Peppers LonelyHearts Club Band”, até os trajes despretensiosos do disco “Abbey Road” sugerindo que estavam os artistas cada vez mais fechados em seus mundos particulares e se afastando do núcleo de grupo.

The Beatles se mostra num primeiro momento, como já citado acima, sorrindo com simpatia e ao mesmo tempo querendo colocar-se no mercado musical. Num segundo momento, a banda reunindo diversos elementos da cultura pop, e trazendo diversas simbologias, se mostra afastada da ideia de serem “The Beatles”, inclusive simulando um funeral, como também já citado, se afastando do passado, se passando por outro grupo o “Sargent Peppers Lonely Hearts Club Band” ou “Sargento Pimenta e a banda dos corações solitários” (em tradução livre), marcando uma virada na carreira.

Já no terceiro e último álbum, Os Beatles atravessando a rua, se mostra para o espectador passando na sua frente e indo embora, sugerindo, através da simbologia do rito de passagem, que seu momento como banda estava passando. Neste álbum, os grupos não está mais pensando nos trajes em conjunto que tanto caracterizaram a banda ao longo da década de 60.

Ora, é possível perceber que o grupo se utiliza a todo o tempo, primordialmente, de elementos pertencentes ao Regime Diurno da imagem. Na sua colocação em posição superior, no primeiro álbum, a banda vincula-se a divisão denominada de O Cetro e o Gládio, e mais especificamente dos símbolos ligados à elevação, à ascensão, ao gigantismo, como práticas presentes nas religiões e no ambiente de trabalho (PITTA, 1995), Bachelard apud Pitta (1995, p. 7) caracteriza esta organização de símbolos como “a mesma operação do espírito humano que nos leva para a luz e para o alto”. É a vontade da banda de crescer e evoluir expressada simbolicamente através deste regime.

No segundo álbum o Regime Diurno segue presente, como citamos, através da manifestação de símbolos diairéticos, ou seja, aqueles ligados à separação e à ruptura,

também pertencentes à divisão denominada de O Cetro e o Gládio. No entanto, além destes, observamos também forte presença do Regime Noturno, através da estrutura mística, onde são manifestados diversos símbolos da intimidade, principalmente em relação à morte e à visão desta como uma recompensa ou descanso; afinal, na capa analisada, apesar da presença do velório (e desta forma da morte virtualmente), os personagens e o restante dos elementos compõem um cenário feliz.

No terceiro álbum analisado, o Regime Diurno, através dos símbolos diairéticos permanece presente, pois as noções de ruptura e finalização permanecem presentes e manifestadas na imagem.

Assim, podemos observar uma predominância do Regime Diurno ao longo do trajeto antropológico da banda. Apesar do grupo ter passado por muitas fases, como pudemos perceber ao longo do trabalho, o Regime Diurno permaneceu presente e manifestado nas capas dos álbuns analisados.

Ora, a predominância do Regime Diurno nas produções de The Beatles pode também ser justificada pelo contexto político e social que era vivido em todo o mundo durante os anos 1960 (período de ápice do sucesso da banda). Esta época vivia uma grande manifestação da contra-cultura, momento onde surgiram grupos como os punks e o hippies e que o mundo tomava rumos de grandes mudanças e mais liberdade.

As capas analisadas traduzem perfeitamente este sentimento que era vivenciado ao redor de todo o globo, ou ao menos em todo o ocidente. Através não apenas das canções mas também dos álbuns como um todo, a banda passava a ideia de amor, mas não de uma forma Noturna ou Mística, mas justamente (ainda influenciados pelos períodos de guerra), de uma paz e amor que eram traduzidos de maneira heroica e através da luta simbólica, características típicas diurnas¹³.

Considerações Finais

Com a realização das análises e através da reflexão acerca dos significados produzidos pelos símbolos presentes nas capas dos álbuns em questão, foi possível perceber um trajeto antropológico composto predominantemente por símbolos Diurnos e que se justificam pelo contexto da época.

¹³ Informações disponíveis em: <https://www.clickriomafra.com.br/rocknauta/the-beatles-sua-importancia-para-a-musica-o-rock-e-a-sociedade>. Acesso em 06 de maio de 2019.

Ora, sabemos que os Beatles foram uma banda de sucesso mundial e tornaram-se grandes referências para a música, perpetuando seus feitos no imaginário das mais variadas sociedades. Percebemos que, foi também através das simbologias presentes nas capas analisadas que a banda conseguiu atingir todo o sucesso e reconhecimento que possuem até hoje.

Sabemos que é através da simbolização e da manifestação dos mitos e símbolos em nosso dia-a-dia que alimentamos nosso imaginário e que é através de nosso imaginário que nos comunicamos e realizamos todas as nossas ações. Desta forma, entende-se que não apenas a banda The Beatles foi influenciada pelo imaginário de seus integrantes, como também suas produções (através da grande relevância e fama que a banda adquiriu) acabaram por influenciar e fazer parte de muitos imaginários na época e continuam fazendo até os dias atuais.

Referências

48 ANOS DE REVOLUÇÃO DO MERCADO FONOGRÁFICO. CANAL DOS BEATLES.

<https://canaldosbeatles.wordpress.com/2011/03/15/48-anos-da-revolucao-do-mercado-fonografico/>. Acesso em 02 de maio de 2019.

AND IN THE END. CANAL DOS BEATLES.

<https://canaldosbeatles.wordpress.com/2011/05/31/and-in-the-end/>. Acesso em 03 de maio de 2019.

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. Estudos do imaginário: a iniciação como método. **Imag (em) inário: imagens e imaginário na Comunicação. Porto Alegre: Imaginalis, 2018. P. 22-36, 2018.**

BIOGRAFIA DE THE BEATLES. E-BIOGRAFIA. https://www.ebiografia.com/the_beatles.

Acesso em 02 de maio de 2019.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos:** (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 30ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário:** introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Flores, 1997.

HISTÓRIA DOS BEATLES. SUA PESQUISA.

https://www.suapesquisa.com/musicacultura/historia_beatles.htm. Acesso em 02 de maio de 2019.

PITTA, Daniele Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand.** Recife: UFPE, 1995.

SGT PEPPERS O ÁPICE CRIATIVO DOS BEATLES. CANAL DOS BEATLES.

<https://canaldosbeatles.wordpress.com/2011/05/04/sgt-peppers-o-apice-criativo-dos-beatles/>. Acesso em 02 de maio de 2019.

SHIVA. SIGNIFICADOS. <https://www.significados.com.br/shiva/>. Acesso em 05 de maio de 2019.

SILVA, Juremir Machado da. **As Tecnologias do Imaginário**. 3º. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

THE BEATLES BIOGRAFIA – UMA BREVE HISTÓRIA. BLOG CHÁ DE FITA.
<https://blog.chadefita.com.br/the-beatles-biografia-breve-historia/>. Acesso em 02 de maio de 2019.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.